

# APRESENTAÇÃO

Marcos Del Roio  
Presidente do  
Instituto Astrojildo Pereira

A crise política que se arrasta sem solução no Brasil é uma clara manifestação do predomínio da “pequena política”. Trata-se muito mais de conflitos entre agrupamentos políticos em disputa por espaços na máquina administrativa do Estado do que disputa entre frações das classes dominantes. Não há nenhuma fração burguesa que conteste o consenso neoliberal, a não ser em elementos que se referem exatamente à “pequena política”.

E posto que o neoliberalismo obtivesse o consenso das classes dominantes, obteve também a capacidade de estabelecer a hegemonia na sociedade civil, angariando respaldo ativo de setores da classe operária e mesmo de uma massa de desvalidos que incorporam os valores do egoísmo-proprietário que se manifestam no mercado. Nesse ambiente de “pequena política”, o PT não passa de um instrumento de ampliação da hegemonia neoliberal, já que se constitui apenas em instrumento de incorporação passiva de largos setores sociais às bases do regime neoliberal. De potencial organizador de forças antagônicas à ordem, o PT se transformou em gestor da ordem burguesa na fase neoliberal. Para isso teve de disputar espaço com outros grupos políticos com a mesma intenção. Assim, a crise política nada mais é do que uma disputa pelos espaços no rearranjo interno das classes dirigentes do país em plena ação de “transformismo”.

A decapitação da direção política do movimento operário (com todos os seus limites) abriu um espaço político que por ora encontra-se frágil, dividido e pouco operante. Na verdade, uma refundação no campo da esquerda passa, antes de tudo, pela constituição de um novo movimento operário competente para operar uma “grande política”, que promova um efetivo deslocamento de poder e de direção da vida social.

Característica da hegemonia neoliberal é a existência de uma grave crise social (que se manifesta como guerra civil de baixa intensidade) em meio a uma situação democrática. A fim de controlar a crise social, as classes dominantes tentam impor contornos institucionais (e policiais) determinados na situação democrática, sem aboli-la porquanto implicaria prejuízos na “liberdade de mercado”. Nessa situação complexa do domínio do capital, as classes subalternas têm dificuldades em operar as suas demandas sob a forma de partidos políticos institucionais e se voltam fundamentalmente para movimentos sociais que se articulam em rede.

\* \* \*

A necessidade de estudo e reflexão sobre as variadas manifestações culturais e ideológicas que oferecem respaldo à ordem capitalista atual, na fase da mundialização imperialista, é indiscutível. Assim como é de suma importância avaliar e acompanhar as manifestações de oposição ao domínio do capital ou mesmo a alguma de suas mais regressivas facetas. A revista *Novos Rumos* continua no seu empenho de oferecer subsídios a esse debate crucial para a refundação da esquerda no Brasil (e na América Latina). Essa reflexão, no entanto, não pode prescindir de um conhecimento e de uma avaliação profunda da trajetória da esquerda marxista no decorrer do século XX. Oferecemos assim ao leitor da revista *Novos Rumos* algumas reflexões sobre a cultura comunista brasileira do século XX, destacando mais uma vez a importante figura de Astrojildo Pereira.